

BRINCADEIRAS E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GT 03: A pesquisa na Graduação sobre Educação Infantil (Online)

RESUMO

O presente trabalho é parte da monografia intitulada: A influência das brincadeiras para o desenvolvimento de diferentes habilidades das crianças na Educação Infantil teve como objetivo geral: Analisar como as brincadeiras realizadas em sala de experiência podem favorecer o desenvolvimento de diferentes habilidades na Educação Infantil. Para a escrita desse artigo temos como objetivo central: apresentar uma discussão teórica acerca da história e da importância das brincadeiras na Educação Infantil. A escolha dessa temática se deu em virtude da experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil, no curso de Pedagogia, momento em que observamos que, muitas vezes, as brincadeiras realizadas em sala de experiência não tinham uma intencionalidade pedagógica, sendo atribuída como forma de passar o tempo. Na metodologia realizamos uma pesquisa bibliográfica e apoiamos-nos em autores como: Carvalho (2011); Conrad (2000); Dornelles (2001); Wallon (1995), dentre outros. Utilizamos documentos oficiais como: Constituição Federal de 1988; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996); Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998); Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (2006); Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010). Por fim, notamos através das concepções de vários autores, que as brincadeiras, os jogos e o uso dos brinquedos oferecem as crianças momentos ricos no que diz respeito ao desenvolvimento das diferentes habilidades, pois são atividades que estimulam a sociabilidade, a imaginação, a criatividade, as reações emocionais, expressões corporais, compreensão das regras, interação com o meio, bem como a construção da identidade, fatores essenciais para o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincadeiras. Diferentes Habilidades.

1. INTRODUÇÃO

[...] o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo [...]
(Kishimoto, 2010, p. 01).

A escolha dessa temática, para a escrita da monografia, se deu em virtude da experiência vivenciada durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil, componente curricular obrigatório do Curso de Pedagogia. Nesse período ficou claro, muitas vezes, que as brincadeiras realizadas em sala de experiência não tinham uma intencionalidade, nem mesmo objetivos claros no planejamento da professora que pudessem possibilitar o desenvolvimento de diferentes habilidades das crianças, eram apenas atribuídos como forma de passar o tempo.

O momento do Estágio foi uma experiência que contribuiu de forma significativa para pensarmos sobre a temática escolhida, pois foi o período que questionamos a importância da utilização das brincadeiras, em sala de experiência, de maneira planejada e intencional, mas de modo que favorecesse o desenvolvimento das crianças de forma satisfatória e prazerosa.

Sabemos que o brincar é um direito das crianças, embora essa perspectiva nem sempre seja levada em consideração em todas as classes sociais. Podemos dizer que o educador, por sua vez, precisa disponibilizar momentos lúdicos, em sala de experiência, para que as crianças aprendam diferentes habilidades e não brinquem, apenas, para passar o tempo.

Essas brincadeiras deverão estar vinculadas aos objetivos pedagógicos do professor para que possa traçar metas para as atividades vivenciadas em sala de experiência, garantido uma aprendizagem prazerosa e que desenvolva nas crianças a busca da cidadania, do trabalho coletivo e possa, também, desenvolvê-la de forma integral, considerando os aspectos: afetivos, cognitivos e motores. É através desses momentos que as crianças tomam suas próprias decisões, interagem umas com as outras e se firmam como sujeitos no processo de aprendizagem, pois nas “[...] brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca” (Brasil, 1998, p. 27).

Assim, podemos dizer que a brincadeira na Educação Infantil é considerada uma atividade essencial para o desenvolvimento das crianças em diferentes faixas etárias, pois as crianças passam a conhecer o mundo, estabelece regras de convivência, aprende a lidar com situações agradáveis e desagradáveis ocorridas das próprias brincadeiras.

A brincadeira na Educação Infantil é considerada uma atividade essencial para o desenvolvimento das crianças em diferentes faixas etárias, pois é o momento em que elas passam a conhecer o mundo, estabelece regras de convivência, aprende a lidar com situações agradáveis e desagradáveis ocorridas das próprias brincadeiras.

Sendo assim é necessário conscientizar os professores da Educação Infantil, sobre a ludicidade que deve ser vivenciada na infância, ou seja, de que o brincar faz parte de uma aprendizagem, em que as brincadeiras que serão desenvolvidas, em sala de experiência, terão que ser vivenciadas a partir da consideração de um planejamento intencional e com objetivos claros, pois as crianças formulam suposições, sobretudo que está a sua volta o tempo todo e nas brincadeiras reproduzem o seu cotidiano.

Sabemos que o ato de brincar auxilia o processo de aprendizagem facilita a construção da reflexão, da criatividade e da autonomia das crianças. Dessa forma, temos como objetivo central para a escrita desse artigo: apresentar uma discussão teórica acerca da história, do contexto e da importância das brincadeiras na Educação Infantil.

2. REFLEXÕES INICIAIS ACERCA DA HISTÓRIA E DO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é marcada no seu contexto histórico por grandes avanços no que diz respeito à educação de crianças. Durante muito tempo a educação das crianças era responsabilidade da família, ou do grupo social no qual estava inserida, ou seja, elas aprendiam a se tornar parte desse grupo por meio do convívio com os adultos, com as outras crianças, e por meio da participação das tradições, é assim que começavam a dominar os conhecimentos que consideravam necessários para sua sobrevivência até a vida adulta. Vivenciamos essa realidade durante muito tempo, pois não havia nenhuma instituição responsável por compartilhar a responsabilidade das crianças, juntamente com os pais.

Froebel (1782-1852) foi o idealizador dos jardins de infância no ano de 1840 e se destacou, educacionalmente, como um reformador de ideias com relação à Educação Infantil, se dedicou a fundação dos jardins de infância, a formação de professores e a elaboração de metodologias e aparelhamentos para as instalações desses espaços que atenderia as crianças.

De acordo com Carvalho (2011), Froebel mesmo tendo uma influência marcante depois de ter trabalhado com Pestalozzi, formalizou seus estudos independentes, com seus princípios educacionais, defendendo sempre o desenvolvimento da criança relacionado com as fases de crescimento, e com isso fundou um ambiente chamado de *Kindergarten*, um espaço onde ele fazia uma alusão as crianças como uma plantinha e o professor um jardineiro, e que nesse ambiente as crianças se expressaria por meio das percepções sensoriais, da linguagem e do brinquedo, já que foi um dos primeiros educadores a empregar o brinquedo nas atividades em sala de experiência estabelecendo a sua relevância como um método educativo.

Ahmad (2009) afirma que no Brasil as creches surgiram em meados do século XIX, com o aparecimento da urbanização e devido à chegada de grandes demandas de imigrantes o que, também, ocasionou uma reforma social. O campo educacional foi marcado pelo atendimento das crianças em pré-escolas ou jardins de infância quando achava-se que todos os problemas sociais existentes seriam resolvidos através do atendimento das crianças pequenas, lembrando que isso acontecia com crianças filhos de operários, estando ligada apenas a assistência social.

Houve assim um movimento voltado para o jardim de infância com o intuito de salvar as crianças de um fracasso escolar e social, o que teve sucesso porque foi através desse movimento que os jardins de infância com o nível de *Kindergarten* teve uma extensão para o atendimento em massa da população. Sendo assim,

Froebel considerou o jardim-de-infância como primeira etapa de um ensino educacional unificado direcionado a todos. [...] com isso fica evidente que seu jardim-de-infância não se reduzia ao atendimento de crianças, cujas mães trabalhavam, mas como instituição para todos e longe do modelo vigente de uma infância apenas cuidada para proteger (Conrad, 2000, p. 55).

Percebemos que com relação à Educação Infantil o autor cita Froebel, evidenciando que as creches tiveram uma relação distinta aos jardins de infância, aonde podemos entender que ambos valorizam e captam o significado da família nas relações humanas, como forma de conhecer as crianças, e compreender a relação familiar nos aspectos biológicos, social e educacional.

Bujes (2001) afirma que as creches e pré-escolas só surgiram depois das escolas, e isso foi muito associado ao fato do trabalho materno fora do lar, a partir da revolução industrial e, também, devido à nova estrutura familiar onde se passaram a se constituir uma nova norma na instituição familiar, agora as famílias eram pequenas formadas por pai/mãe/filhos e não mais aquela família grande como era antigamente em que não se configurava o fato do cuidar somente centrado na figura materna.

Esse processo de implementação das creches e pré-escolas passaram por várias transformações nas leis ao longo dos anos, pois houveram mudanças e a LBD sofreu inúmeras emendas, mas com a promulgação da Carta Magna em 1988 que estabelecia o dever do Estado de garantir o atendimento das crianças nesses respectivos ambientes possibilitou uma nova doutrina em relação à criança, que passou a ser vista como um indivíduo de direitos como podemos ver no Artigo 227 quando diz:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão. (Brasil, 2010. Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010).

Com a implementação da lei, e colocado em vigor esse artigo nem as instituições de atendimento, nem os pais, ou qualquer outro setor do governo, ou da sociedade, poderia fazer o que considerava válido, ou até mesmo o que bem entendesse das crianças, pois agora seus direitos passaram a ser assegurados e garantidos por uma Lei Federal. A Constituição de 1988 também trouxe como uma definição o direito à assistência gratuita das crianças desde o nascimento até os cinco anos nas creches e pré-escolas.

O Parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil identifica a necessidade de uma nova política nacional para a infância, orientando um investimento social que atenda as crianças como um indivíduo de direitos, mediante as complementações aos

artigos constitucionais a Educação Infantil passa a ser a primeira etapa da Educação Básica, tendo como caráter principal no contexto educacional promover o desenvolvimento integral das crianças em suas diferentes modalidades, partindo dos aspectos físico, psicológico, intelectual e social, garantido por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, que promulga a finalidade do atendimento educacional de crianças de 0 a 5 anos. No Artigo 29 é estabelecido que

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 1996. Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

O artigo acima anuncia o direito das crianças ao seu desenvolvimento, garantindo que as creches e pré-escolas não funcionem como algum tempo atrás, como depósitos de crianças e com cuidado apenas assistencialista, dando um significado importantíssimo ao ato de aceitar e atender as crianças.

De acordo com Ahmad (2009), há alguns, antes das modificações ocorridas com as implementações das leis, a primeira concepção que se teve da infância no decorrer da história foi que as crianças eram conhecidas como um adulto em miniatura, e sua educação e cuidado ficavam cometidos pela família em especial pela parte materna, existia, também, nessa época algumas instituições que funcionavam com o papel de cuidar das crianças abandonadas ou em condições desfavoráveis. Desse modo,

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (Ariès, 1981 p. 65).

Nesse período, em torno dos séculos XII e XVI, Ariès (1981) expõe um momento da história em que a infância era quase inexistente, ou seja, o universo infantil não existia aos olhos da sociedade, e por sua vez as crianças sofriam com o abandono, com a pobreza, com a precariedade no atendimento que lhes eram oferecidos, o que ocasionava o aumento da taxa de mortalidade infantil devido às péssimas condições de saúde e higiene em que se encontrava a população em especial as crianças, e também aos riscos pós-parto, pois as mães não tinham um acompanhamento do pré-natal, não existiam nessa época os cuidados, as aparições por parte da família como podemos ver atualmente.

Ahmad (2009) afirma que somente a partir dos séculos XVII e XX a infância começa a passar por grandes mudanças, as crianças começa a ser vista como um sujeito importante e incide a ocupar um lugar fundamental na família e na sociedade, e com isso dar-se a pensar a necessidade de ter um espaço de cuidados diferenciados para atender as crianças. Surgem assim

as primeiras instituições designadas ao atendimento a princípio assistencialistas as crianças órfãs, filhas de operários, abandonadas devido à miséria ou de caráter migratório.

Ahmad (2009) ressalta, ainda, que no Brasil essas mudanças só ocorreram por volta da década de 1870, a Educação Infantil sob as influências de grandes educadores como Pestalozzi e Froebel, conhecido pela criação dos jardins de infância, começa a ganhar importância no cenário educacional e assim surgem os primeiros jardins de infância inspirados nas propostas de Froebel, sendo introduzidos no sistema educacional de caráter privado para atender a classe média, mas que por volta de 1930 as pré-escolas passam a ter um atendimento com participação do setor público, sofrendo mudanças educacionais devido às lutas sindicais e trabalhistas da nova classe brasileira que buscava melhorias, a fim de que a educação pudesse ser pública, gratuita e para todos.

Com isso a Educação Infantil assume uma nova roupagem perante a sociedade, e a partir dessas lutas as pré-escolas e creches passaram a ser reconhecidas pela Constituição como dever do Estado e direito da criança, logo mais com as emendas ocorridas nas leis essas instituições são transformadas em escolas infantis de atendimento de crianças de zero a cinco anos, com diferenças, apenas, nas divisões das faixas etárias, onde as creches atenderiam crianças de zero aos três anos e as pré-escolas as crianças de quatro e cinco anos, ambas submetidas à função dos atos indissociáveis do “cuidar” e “educar”, permitindo assim a adoção de práticas pedagógicas diferentes para atender as necessidades das crianças (Ahmad, 2009).

3. A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Podemos iniciar esta reflexão afirmando que o brincar é um direito que pertence à infância, e não tem como falar de crianças sem lembrar do ato de brincar, é algo que juntas assumem novos imediações sobre os momentos de convivências, constituindo uma importante forma de comunicação que faz parte das diferentes culturas. As crianças formulam suposições sobre tudo aquilo que está a sua volta e, a partir das brincadeiras, reproduzem o seu cotidiano, fazendo com que o ato de brincar auxilie no processo de aprendizagem, facilita a construção da reflexão, criatividade e autonomia. Torna-se necessário que as crianças tenham um tempo para brincar, socializar-se, e para ver o mundo do seu próprio jeito, criando suas opiniões, sobretudo ao que está a sua volta.

Para Sommerhalder e Alves (2011), o brincar proporciona as crianças uma nova forma de interpretar e assimilar tudo sobre o mundo, partindo da relação com as diferentes culturas, objetos, possibilitando o desenvolvimento integral das suas habilidades, pois brincando elas

criam seus conceitos, exploram o ambiente, reinventam e refletem sobre seus valores, costumes, sentimentos, autonomia, identidade e as relações com as outras pessoas.

Carvalho (2011) ressalta que no campo educacional o brinquedo começou a ser entendido como um recurso pedagógico educativo na aprendizagem infantil com Froebel, o primeiro educador a utilizar o brinquedo em suas atividades escolares, considerando como um recurso de livre manipulação importante para aprendizagem das crianças.

As brincadeiras infantis vêm revelando-se desde então como um conteúdo riquíssimo que serve de suporte para estimular o aprendizado das crianças e com isso torna-se necessário que o brincar esteja presente no espaço escolar, pois é através das brincadeiras que também ocorre o desenvolvimento integral do ser humano nos fatores físicos, sociais, culturais, emocionais, afetivos e cognitivos.

As crianças através das brincadeiras apresentam uma linguagem própria, considerando a faixa etária, bem como o tipo de brincadeiras que são escolhidas. Desse modo, passam a se expressar de forma criativa e espontânea no espaço em que estão inseridas. De acordo com Dornelles (2001, p. 104) “[...] Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo.”

A brincadeira é inerente às crianças e deverá ser levada em consideração como um assunto sério em casa, na escola, bem como na comunidade que as crianças fazem parte diretamente. O brincar é algo que faz parte da Educação Infantil, pois as crianças aprendem através dele um novo saber, regras básicas de convivência e aprendem, ainda, a se comunicar com outras crianças, veem o mundo com outros olhos. É possível afirmarmos que a brincadeira auxilia o desenvolvimento das suas diversas potencialidades e habilidades, como também favorece a socialização.

O Referencial Curricular Nacional (1998) para a Educação Infantil estabelece que as brincadeiras sejam princípios norteadores que favorecem a auto-estima, transforma os conhecimentos que já possuíam. É no ato de brincar que as crianças estabelecem vínculos entre os diversos papéis assumidos, suas competências e as relações existentes entre tudo que está a sua volta. Assim, “[...] a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos [...]” (Brasil, 1998, vol. 1 p. 28).

A experimentação do mundo e a expressão dos diferentes sentimentos, envolvidos em cada brincadeira, faz com que as crianças obtenham um maior envolvimento entre elas e uma das brincadeiras mais utilizadas pelas crianças é o faz de conta, momento em que são as autoras

de seus papéis, tendo toda liberdade de elaborar, escolher, criar, colocar em prática toda a sua imaginação e criatividade diante as suas fantasias. Compartilha com seus colegas o que foi imaginado, imita e transforma tudo aquilo que conhece.

A ludicidade envolvida nas brincadeiras e nos jogos possibilita oportunidades para que as crianças descubra, invente, crie e podemos observar o nível de desenvolvimento das crianças, no modo que elas reagem, nos seus conflitos afetivos, em seus desejos, nas expressões corporais e faciais.

A atividade lúdica pode ser trabalhada na Educação Infantil de diversas formas, sendo uma das atividades mais eficazes de envolvimento das crianças, permitindo conhecer seus limites e construir seus conhecimentos, pois o ato de brincar proporciona essa interação. Para Dornelles (2001, p. 103) “A criança expressa-se pelo o ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras. Elas perpetuam e renovam a cultura infantil desenvolvendo formas de convivência social [...] a fim de se renovar a cada geração”.

Entendemos que a brincadeira não deve ser utilizada só como forma de recreação, ou para passar o tempo, porque ela exerce um papel fundamental na Educação Infantil para o desenvolvimento de diferentes habilidades, cognitivas, motoras e afetivas. As habilidades motoras nas crianças têm um significado mais marcante na faixa etária entre 2 a 7 anos, onde todo o processo de desenvolvimento ocorre através dos movimentos essenciais caracterizados como locomotores, estabilizadores e manipulativos que irão estabelecer o desenvolvimento do sujeito ao longo da sua vida (Gallahue; Ozmun, 1995; 2001).

Conforme Bee (1977), as crianças necessitam de estímulos para o desenvolvimento dessas habilidades motoras, pois precisa desenvolver a capacidade de movimentar-se com mais autonomia, trabalhando o crescimento corporal como também o amadurecimento neurológico, e para que se tenha um aumento nos estímulos nessa fase faz-se necessário as atividades através das brincadeiras e jogos aonde as mesmas possam promover o exercício corporal, e se expressar livremente dentro dessas atividades.

As habilidades motoras estão intensamente vinculadas com as habilidades cognitivas e afetivas, pois tais atividades motoras irão gerar a intervenção de atividades cognitivas que por sua vez ressoa no campo afetivo das crianças, conforme Piaget (1978) e Inhelder (1995) ressaltam a relação entre as atividades mentais e biológicas objetivando a adaptação ao meio que vivemos.

Piaget (1978) resalta o papel das brincadeiras para o desenvolvimento das habilidades motoras, cognitivas, afetivas e social das crianças, enfatizando que as constituições linguísticas

surgiam na criança através das brincadeiras de imitação e de jogos simbólicos, aonde as mesmas começavam a verbalizar e ganhava autonomia e assim ingressavam no mundo adulto.

O desenvolvimento das habilidades cognitivas começa de acordo com os estudos de Piaget (1978) no período pré-operatório, numa fase dos 2 a 7 anos de idade, etapa em que as crianças deixam de fantasiar e passam a imitar tudo o que vê, e assim a estrutura cognitiva começa a se adaptar intelectualmente e organiza o conhecimento que constrói a respeito das experiências vivenciadas no seu cotidiano.

A utilização dos jogos e brincadeiras nessa fase em sala de experiência permite a construção de novos conhecimentos além de possibilitar uma aprendizagem de forma prazerosa para as crianças, pois o brincar além de causar um prazer pode, também, proporcionar uma aprendizagem dentro das experiências vivenciadas nas brincadeiras (Winnicott, 1971).

As habilidades afetivas como já vimos ocorre paralelamente com o desenvolvimento cognitivo. Assim, “[...] As emoções são a exteriorização da afetividade [...]. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados.” (Wallon, 1995, p. 143).

Wallon ao estudar as crianças coloca que não só a inteligência pode ser posta como um fator principal para o desenvolvimento do sujeito, a afetividade configura as relações entre o indivíduo com o meio, a cultura e as relações com o outro. Por isso ressalta a importância entre a interação das três dimensões motoras, afetivas e cognitivas.

Através das brincadeiras as crianças desenvolvem essas habilidades, pois podem vivenciar novas experiências, explorar o ambiente em que está inserida, socializar com outras crianças, construir conhecimentos novos, autonomia corporal, entre outros aspectos importantes para o desenvolvimento integral do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao logo desse trabalho de pesquisa percebemos que a brincadeira é algo que está presente na Educação Infantil, que através delas as crianças aprendem enquanto brincam e isso faz com que as brincadeiras infantis se tornem presentes nos ambientes escolares, sendo um elemento indispensável para o desenvolvimento integral do ser humano, considerando os fatores físicos, sociais, culturais, emocionais, afetivos e cognitivos. De antemão consideramos que foi uma pesquisa que proporcionou à pesquisadora um maior entendimento acerca da importância da utilização das brincadeiras em sala de experiência na Educação Infantil, mas que devem ter objetivos estabelecidos.

Desse modo, as brincadeiras oferecem as crianças uma ampla estrutura em relação às necessidades de tomadas de decisões no ato de brincar, aprendem a refletir sobre o que vão fazer, como fazer, proporcionando autonomia de escolha diante dos conflitos que podem vir a existir e o professor é um mediador fundamental na disponibilização das brincadeiras e ações, sabendo que ele deverá ter participação ativa, sendo parceiro das crianças, proporcionando brincadeiras que desenvolvam as suas diferentes habilidades.

Por meio da realização da pesquisa bibliográfica notamos através das concepções de vários autores, que as brincadeiras, os jogos e o uso dos brinquedos oferecem as crianças momentos ricos no que diz respeito ao desenvolvimento das diferentes habilidades, pois são atividades que podem estimular a sociabilidade, a imaginação, a criatividade, as reações emocionais, expressões corporais, compreensão das regras, interação como o meio e construção da identidade, fatores essenciais para o desenvolvimento integral das crianças.

Para finalizar, observamos que os objetivos aqui propostos para a realização dessa pesquisa foram obtidos, pois foi possível compreender o quanto as brincadeiras na Educação Infantil contribuem para o desenvolvimento das diferentes habilidades, percebendo que são atividades lúdicas que as professoras podem explorar em sala de experiência agindo diretamente na aprendizagem, socialização, imaginação, concentração, raciocínio, autoestima, de forma mais significativa e prazerosa, possibilitando o desenvolvimento das habilidades cognitivas, motoras, afetivas.

REFERÊNCIAS

AHMAD. Laila Azize Souto, **Um breve Histórico da Infância e da Instituição de Educação Infantil** P@rtes (São Paulo). V.00 p.eletrônica. Junho de 2009. Disponível em <www.partes.com.br/educacao/historicoinfanzia.asp>. Acesso em 06/01/2015.

ALMEIDA, Damiana; CASARIN, Melânia. A importância do brincar para a construção do conhecimento na Educação Infantil. **Revista do Centro de Educação** n° 9, Santa Maria: UFSM, 2002. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2002/01/a6.htm>.

ARIÉS, Philippe: **História Social da Criança e da Família**, Tradução: Dora Flaksman Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BEE, Hellen. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1977.

BRANDÃO, H. O livro dos jogos e das brincadeiras: para todas as idades. Belo Horizonte: Leitura, 1997.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 01/06/2014.

_____. **Constituição Federal de 1988**. Redação Dada pela Emenda Constitucional nº65, de 2010. Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10644726/artigo-227-da-constituicao-federal-de-1988>>. Acesso em 01/06/2014.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília: 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil**. V. 1. Brasília: MEC/SEC, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Escola Infantil**: Pra que te Quero? In. CRAIDY. M.; KAERCHER, G. E. P. da S.; Educação Infantil: pra que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CARVALHO (2011). **Friedrich Froebel - O criador do Jardim de Infância**. Disponível em <<http://frankvcarvalho.blogspot.com.br/2011/10/friedrich-froebel.html>>. Acesso 06/01/2015.

CONRAD. H. M. **O desafio de ser pré-escola**. As idéias de Friedrich Froebel e o início da educação infantil no Brasil. Curitiba: Pontificia Universidade Católica do Paraná (Dissertação de Mestrado em Educação), 140f. 2000.

DORNELLES, Leni Vieira. **Na Escola todo Mundo Brinca se Você Brinca**. In. In. CRAIDY. M.; KAERCHER, G. E. P. da S.; Educação Infantil: pra que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GALLAHUE, D. L. & OZMUN, J. C. **Undertanding motor development**: infants, children, adolescents. 2 ed. Indianopolis: Brown & Benchmark Publishers, 1995.

_____. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**. Bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte , 1 ed., 2001.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 13 ° ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. 135p. (Original de 1968).

_____. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho imagem e representação. 3ªed. Rio de Janeiro: Zahar: 1978.

SOMMERHALDER, Aline & ALVES, Fernando D. **Jogo e a Educação da Infância**: Muito Prazer em Aprender. Curitiba: Editora CRV, 2011.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1995.

